



Iniciação e relações cosmológicas entre humanos e encantados na cidade de Marabá

Eduardo Nunes da Silva
Jerônimo da Silva e Silva

Agência financiadora: CNPq

Resumo: Os encantados são compreendidos como entidades que habitam o território brasileiro, fazendo-se presentes, dentre outros, em terreiros de religiões afro-brasileiras, pajelanças, sessões espíritas, práticas de curas de rezadeiras e parteiras. Nos praticantes dessas religiosidades mantêm relação de aproximação nos rituais onde são invocados. Tais seres se metamorfoseiam em seres incorpóreos, animais aquáticos, aves, plantas, rochas e outras “formaturas”, espalhando suas habitações nas matas, rios, praias, rochedos e outras dimensões cosmológicas. As diferentes formas de manifestação de tais entidades produzem múltiplos processos de iniciação entre esses existentes e determinadas mães de santo em terreiros de religiões afro-brasileiras. O escrito é resultado de pesquisa de campo em dois terreiros na cidade de Marabá sudeste paraense e tem como objetivo apreender distintas relações cosmológicas entre humanos e encantados em processos de iniciação nas referidas religiosidades.

Palavras chave: Encantados, Doutrinas, Iniciação.

1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa, “*Cartografia de Afetos na Encantaria: Iniciação e Trânsitos Culturais em Terreiros de Umbanda na Amazônia Oriental – Marabá*” desenvolve uma cartografia em terreiros de Umbanda na cidade de Marabá visando compreender dois aspectos apreendidos a partir da pesquisa de campo. Inicialmente partimos da etnografia com mães de santo dos terreiros na cidade para perceber a história de vida, cotidiano e processo de iniciação junto aos caboclos, mestres e encantados, mobilizando para tal memórias dos primeiros contatos com as entidades. Enquanto o desdobramento desse primeiro momento, emerge paulatinamente a percepção de que muitos desses religiosos, além de terem sua iniciação junto às entidades a partir do trânsito xamânico entre iniciantes e iniciados, existe ainda a relação entre as entidades do universo afro-brasileiro com aquelas destinadas a tornarem-se mães de santo. Através do chamado “espaço natural”, entidades, caboclos, encantados e almas acompanhavam os iniciados através de rios, cacimbas, pedras, árvores e ventos potencializando a comunicação com os seres e as práticas de cura dos iniciados (CASCUDO 1983; PARES 2007; PEREIRA 2008; PRANDI 2004). Outrossim, é importante ressaltar a capacidade de muitos pais e mães de santo durante os rituais de “incorporação” ou “descimento de caboclo” recebem entidades de terreiros do nordeste brasileiro, saindo de seus corpos e viajando com seus “Guias” até outras localidades (WAGLEY 1977; VERGOLINO 2008; MAUÉS 1990). O processo citado tem profunda relação, conforme veremos, com as especialidades nas práticas de cura, denominadas de “linhas”, “cordas” ou “contas”, não por acaso denominadas de xamanismo (MAUÉS 1995).

Tais singularidades sinalizam para uma compreensão ontológica da relação entre pessoas e entidades neste universo cosmológico (LAVELEYE 2008; TRINDADE 2007). Assim, recebimento do “dom” para “receber caboclo” vem através do “nascimento” ou é “dado por simpatia”, (TRINDADE 2007; CAVALCANTE 2008; CAVALCANTE 2012) e produz especificidades das práticas de cura e proteção, possibilitando ainda atingir outrem, dependendo do tipo de caboclo ou encantado agregado no corpo do iniciado. As “linhas”,

“contas” ou “cordas” são passíveis de serem “pegas” ou “roubadas” entre os iniciados, portanto, do “lado” humano observamos uma dinâmica de “roubo de cordas” que dinamiza o cuidado, precaução e conflitos de pais e mães de santo quando, em determinados momentos entram em contato uns com os outros. Existe, nesse sentido, um temor de que uma pessoa “mais experiente”, “mestre” ou com “dom forte” retire alguma potência do iniciado “menos experiente”, com “corda fraca” (SILVA 2014).

Entretanto, a complexidade do problema se faz avançar na medida em passamos a analisar o “lado do encanto”, a perspectiva das entidades: a etnografia com as ontologias afro-brasileiras revelou que, do ponto de vista do encantado, os iniciados humanos eram vistos como seres que foram dados a eles desde o nascimento, como por exemplo, o papel da entidade denominada de Caboclo Vira Mundo, entidade capaz de controlar outras seres da encantaria, um “habitante do fundo” dotado de controle ou intencionalidade predatória do sobre as pessoas com “dom de ter caboclo” (GOLDMAN 1984, 2005).

Os rumos da pesquisa de campo desde a época os estudos de doutoramento (SILVA 2014) até as incursões nos terreiros de Umbanda na cidade de Marabá, Sul do Pará estão voltadas para compreender as dinâmicas cosmológicas que envolvem a relação entre pessoas e encantados em experiências de iniciação, possessão.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Como apreender tais relações? Quais procedimentos metodológicos? A relação de contato, conflito, interação entre os corpos, se dá pelo modo com que os corpos afetam e são afetados, engendrando devires, forças ou produções entre si. Não se trata basicamente de somente toque físico ou emoções, nem tão pouco de fronteiras entre o físico e psíquico, mas experiências de vida, multiplicidades/variações da potência do próprio existir.

Trata-se de corpo poroso, “Corpo sem Órgãos”, isto é, não oposto aos órgãos em si, mas à noção de organismo, atravessado e feito de afetos, sempre “no limite” da experiência (DELEUZE & GUATTARI 2012, pp. 11-33). É nessa compreensão de corpo, marcado por inscrições-passagens, mas sem cair no indiferenciado é que creio guardar aproximações com a perspectiva com entidades que descem e arregimentam as demais encantados no corpo do iniciado humano, denominado de “guia” e o corpo do possuído que serve “barco” ou “cavalos”, geralmente tomado pela incorporação, conforme apercebemos no conjunto das notas etnográficas. Reitero que para cada “Mestre” humano, há um “Mestre” no campo da encantaria, qual seja, o seu duplo, chamado de “guia” ou “chefe de corda”, e estes, por conseguinte, agregam multiplicidades de outros seres. A relação de “maestria” efetua-se ultrapassando a noção de posse rígida do saber – envolvendo, na verdade, variáveis formas de aquisição, transmissibilidade, “perda” ou “roubo” – em detrimento de qualquer posição relacional entre os “mestres”, humanos ou não. Os Mestres representam para alguns uma linhagem de seres fundidos na umbanda com caboclos, exus, pombagiras, com especificidades em Pernambuco, Alagoas e Paraíba, para o interesse do estudo aqui delineado, não daremos atenção a um escopo etnográfico maior (ASSUNÇÃO 2004; BASTIDE 1971; NEGRÃO 1996; ORTIZ 1999; SHAPANAM 2004).

Notadamente a interação entre as pessoas e as entidades pressupunha a existência de uma cosmologia que permite explicar, além das vicissitudes do “dom de ter caboclo”, a capacidade de “perder”, “passar” e “roubar” as propriedades de um “experiente” a outro. Particularmente, nesta etnografia, volta-se intimamente para estabelecer conexões entre narrativas e experiências de pessoas atingidas ou iniciadas por potências do panteão afro-brasileiro ou indígena, agregando saberes em passagens de locais encantados.

A pesquisa de campo interagiu com o cotidiano do terreiro justamente pela importância de estabelecer um contato com as entidades ou encantados que “descem no

aparelho ou cavalo” para visibilizar a relação entre “humanos” e encantados. Saber como as entidades veem os pais e mães de santo, quais “linhas” ou “cordas” mobilizam e são mobilizados nos corpos dos requerentes é fundamental para se analisar diferenças e interações entre os terreiros da cidade. Diferenciar os terreiros pelos nomes e interesses de pais e mães de santo, bem como de outros praticantes é importante, mas, há uma teia cosmológica de afetos donde emergem as intencionalidades das entidades que descem nos terreiros, transitando pelas “linhas” adotadas ou “roubadas” entre “mestres com dom mais forte”.

No fluxo da etnografia construímos uma cartografia capaz de lançar compreensões tanto de trânsitos e relações sociais dos “mestres humanos” (portadores das linhas e dons) quanto das múltiplas forças e arranjos cósmicos efetivados pelos “mestres encantados” (caboclos, encantados, almas etc.) do panteão afro-brasileiro. Do ponto de vista metodológico, a realização de pesquisa qualitativa, notas em diário de campo, utilização de fotografias no campo ou cessão de fotos dos narradores e a transcrição das narrativas desses sujeitos são etapas indispensáveis para a composição dos resultados da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo realizada com duas mães de santo, a primeira, Maria Leila Pereira, moradora da Nova Marabá, com 48 anos adquiriu o dom da espiritualidade de nascença, quando começou a ter as “crises” aos nove anos de idade hereditária, e já vem passando com essa espiritualidade de nascença, particularmente por associar a história familiar à descendência de índios brabos. Mãe Leila demarca a formação mais intensa quando passou a “baixar a cabeça” para as “regras do encante” aos vinte e nove anos.

Iniciada por uma senhora rezadeira da região do Pacajá, teve suas regras colocadas a partir de algumas prescrições: “colocou as regras pra mim seguir [...] o meu tratamento era com regras para não tomar banho em épocas do ano, com água corrente, não podia cortar cabelo, não podia usar roupa escura na sexta feira, certos tipos de comida, cor de esmalte na quaresma, são muitas regras”. A aquisição do “carinho” ou “simpatia” das entidades é aproximada pela Mãe de Santo como similar ao “carinho pelos seres humanos”.



Mãe Márcia e Mãe Elisângela. Foto da pesquisa, Jerônimo Silva, 2017.

A segunda narradora, Mãe Márcia, nascida na Umbanda, não se identificou e passou a fazer no Candomblé, onde diz pertencer ao cruzamento de ambos, no Umbandomblé. Filha de Iemanjá. 34 anos, o orixá desceu na cabeça por volta de sete anos um orixá pesado conhecido como Caboclo Roxo, tido como cacique, dono de aldeias, o que a fez vomitar sangue e

arrebeitar o corpo, pois já nascera com a crô aberta. As doutrinas de Mãe Marcia sinalizam o que denomina de “linha cruzada”, isto é, um conjunto de entidade arregimentadas no corpo a partir de linhagens de entidade que geralmente não se associam.

4. CONCLUSÃO

O contexto histórico e cultural da cidade de Marabá é caracterizado, dentre outros, pela existência de conflitos sociais e territoriais que remetem às práticas muitas vezes insensíveis do poder público. Não é notório o quão o referido quadro de conflito ultrapasse o campo do conflito jurídico e transborda para atos de intolerância, violência física e outras indignidades adotadas por aqueles que usufruem as benesses das relações de poder. Apesar de uma tarefa longa e penosa, um dos meios de combater tais nuance é visibilizar no meio acadêmico os saberes vividos por comunidades quilombolas, aldeias indígenas, coletivos de assentamentos das ditas populações tradicionais da floresta (ACEVEDO-MARIN 1987).

A intolerância e o não reconhecimento desses povos podem ser explicados mediante vários aspectos, entretanto, cremos que um dos pontos nevrálgicos desse problema passa pela ideia de que tais populações são “primitivas” e vivem de “crenças supersticiosas”. Apesar de esta ser uma tese historicamente mui problematizada no meio acadêmico, cremos que em Marabá ainda há muito a ser feito nesse sentido. O projeto torna-se relevante porque pode complexifica as relações cosmológicas dos praticantes da umbanda, e, dessa forma, desvela concepções de saúde e doença, noções ontológicas de pessoa e uma percepção da realidade donde múltiplos afetos passam por diferentes existentes, problematizando ainda as distinções tradicionais entre “homem e natureza”, revelando toda uma gama de práticas culturais presentes nas religiões de matrizes afro-brasileiras; essas mudanças, dessa forma, passam a problematizar os valores etnocêntricos e preconceituosos entranhados moralmente na sociedade brasileira (WAWZYNIAK 2003; WAGNER 2010).

5. REFERÊNCIAS E CITAÇÕES

- ACEVEDO-MARIN, R. E. Trabalho escravo e trabalho feminino no Pará. **Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA**. 12 (1987): 53-84.
- ASSUNÇÃO, L. Os Mestres da Jurema In **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres caboclos e encantados**. Editado por R. Prandi, pp. 182-215. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- BARBOSA NETO, E. R. **A Máquina do Mundo**: variações sobre o politeísmo em coletivos afro-brasileiros. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2012.
- BASTIDE, R. **As Religiões Africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações, vol. 1. São Paulo: Edusp, 1971.
- CASCUDO, L. C. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Edusp, 1983.
- CAVALCANTE, M. C. S. F. **A Cura que vem do fundo**: mulher e pajelança em Soure (Ilha do Marajó/PA). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.
- CLIFFORD, J. “Sobre a autoridade etnográfica” In. **A experiência Etnográfica**. Antropologia e Literatura no século XX. Editado por Gonçalves, J. R. S. pp. 17-62. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- DELEUZE G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- GALVÃO, E. **Santos e Visagens**: um estudo da vida religiosa em Itá, Amazonas. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1975.
- GOLDMAN, M. **A possessão e a construção ritual da pessoa no candomblé**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1984.
- _____. Formas do Saber e Modos do Ser. Observações Sobre Multiplicidade e Ontologia no Candomblé. **Religião e Sociedade** 25 (2) 2005: 102-120.
- LAVELEYE, D. Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da “pajelança” In: **Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia**. Editado por R. H. Maués; G. M. Villacorta, pp. 113-120, Belém: Edufpa, 2008.

- LIMA, T. S. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. **Mana** 2(2) 1996:21-47.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo: travessias Latino-Americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MAUÉS, R. H. **A ilha encantada: medicina e xamanismo**. Belém: UFPA, 1990.
- _____. **Padres, Pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia**. Belém: Cejup, 1995.
- NEGRÃO, L. N. **Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1996.
- NICOLAU, P. **A formação do Candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- QUINTAS, G. G. **Entre maracás, curimbas e tambores: pajelanças nas religiões afro-brasileiras**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- SHAPANAM, F. Entre caboclos e encantados In **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Editado por R. Prandi pp. 318-330. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- SILVA, J. **“No Ar, na Água e na Terra”**: Uma Cartografia das Identidades nas Encantarias da “Amazônia Bragantina”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2011.
- SILVA, J. **Cartografia de Afetos na Encantaria**: narrativas de mestres na Amazônia Bragantina. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- TRINDADE, R. **“Aqui, a cura é de verdade”**: Reflexões em torno da Cura Xamânica em São Caetano de Odivelas-Pa. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- VERGOLINO-HENRY, A. Um encontro na encantaria: notas sobre a inauguração do “Monumental Místico Rei Sabá” In **Pajelanças e religiões africanas na Amazônia**. Editado por R. H. Maués; G. M. Villacorta, pp. 139-148. Belém, 2008.
- WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, INL, 1977.
- WAWZYNIAK, J. V. “Engerar”: uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo. **Ilha**. 5(2) 2003: 33-55.
- WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.